

## O Ressuscitado ainda crucificado

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

A guerra do Iraque parece ter terminado, pelo menos na visão do governo americano, que já fala em reconstrução do país. No entanto, para quem lê a grande imprensa do mundo inteiro, não se pode dizer que isso seja completamente verdadeiro. Na verdade, a guerra continua no sofrimento das famílias e das crianças mutiladas pelos mísseis e bombas, na dor irreparável das famílias que perderam seus entes queridos colhidos por morte violenta. E mais: continua na exacerbação do ódio e do desejo de vingança que neste momento se mistura aos sentimentos religiosos do movimento xiita do Islã, reprimido no Iraque pela ditadura de Sadam Hussein.

Porém não é apenas no Iraque que a guerra continua. Ela está presente em cidades como Bogotá e Rio de Janeiro, cidades que vão se tornando cada vez mais reféns do tráfico de drogas e onde se vive o terror cotidiano de uma guerra civil. O grito irado do Presidente Lula chamou a atenção para a verdadeira situação do país: “O crime está ganhando a guerra”. E isso significa que mais e mais jovens estão morrendo na rota do narcotráfico que vem desde a Colômbia e agora atravessa o Brasil, concentrando-se sobretudo no eixo Rio-São Paulo e tornando ameaçadora e difícil de ser vivido a rotina diária dos habitantes destas regiões.

A situação de violência e guerra que vivemos hoje aparentemente contraria sobremaneira o espírito do Tempo Pascal, que se segue à Ressurreição de Jesus, que celebramos no último domingo. A Páscoa de Jesus Cristo é o ápice da esperança cristã. Tanto que o apóstolo Paulo sobre ela comenta que, se não existisse, vã seria nossa fé e ainda estaríamos em nossos pecados. O Tempo Pascal deve ser marcado na Igreja por essa paz e essa alegria, dons por excelência do Ressuscitado, que enche os corações de esperança e pacifica as pessoas, que em seguida se abrem para as relações e o trabalho cotidiano de construção do Reino de Deus, ancorados na certeza de que o amor é mais forte que a morte.

No entanto, como a partir de Jesus Cristo, sua encarnação, vida, morte e ressurreição, cremos que “onde abunda o pecado superabunda a graça”, “nas palavras do apóstolo Paulo, somos convidados a encontrar nesta situação de terror que o país e o planeta vivem um sentido e um fio condutor de esperança que nos permita não perder o rumo da fidelidade e da paz.

A teologia contemporânea insiste no fato central de que a vida cristã se move em torno do eixo dialético já-ainda não. Assim, o cristão se move entre a certeza do que já lhe foi dado e que é uma verdade sobre a qual ele pode se apoiar e seu desejo que, grávido de expectativa, se volta para o que ainda não é plenitude no interior do já realizado por Deus. Por isso Paulo diz que a criação geme como em dores de parto esperando a plena manifestação do que seremos.

A persistência do terrível e mortífero fenômeno das guerras que continuam a assolar a vida humana neste início de milênio nos diz, pois, a profunda e misteriosa verdade de que, se por um lado, o Crucificado já ressuscitou e vive triunfante, sentado à direita do Pai, por outro lado o Ressuscitado ainda está Crucificado e sua paixão continua, dolorosa e pungente, nos crucificados da história, nas vítimas que não conseguem levantar a cabeça de

sua sombria e mortal opressão, nos fracos que, espezinhados pelos poderosos, não encontram onde reclinar sua cabeça e voltam apenas para Deus seus rostos suplicantes. Neste tempo pascal, portanto, somos convidados a assumir em nossa oração e reflexão diárias esta misteriosa realidade. Cristo ressuscitou! A vida venceu a morte!. Mas o Ressuscitado ainda estará sofrendo sua Paixão, ainda estará pregado na cruz enquanto existir no mundo uma só pessoa, uma só criatura que esteja sofrendo injustamente, vítima da fome, da injustiça e de qualquer outra forma de opressão. Durante este tempo, e dilacerados por essa tensão, somos convidados a viver de esperança e de fé. Fé que se transforma em desejo de união com esse que, Crucificado, venceu a morte, mas cuja Cruz nos lembra constantemente que o sofrimento no mundo ainda não terminou e por isso somos responsáveis de, esperançosamente levar a todos a Boa Nova e carinhosamente, amar e servir em tudo para que as vítimas deste mundo sejam menos exploradas e seu sofrimento menos doloroso.